



A oferta de trabalho de colheita de café em propriedade no entorno do pré-assentamento Maravilha II no Extremo Sul da Bahia e seus impactos na comunidade

The supply of coffee harvesting work on property around the Maravilha II settlement in the Extreme South of Bahia and its impacts on the community

KATO, Flavia F.¹; SILVA, Vanessa A. M.²; CRESPI, Danielly³; CRUZ, Mário S. S.⁴; SILVA, Rafael F.⁵; SANTOS, João D.⁶

¹ ESALQ, flavia.kato@usp.br; ² ESALQ, vanessa.apms@gmail.com; ³ ESALQ, danycrespi@yahoo.com.br; ⁴ ESALQ, mario.ssc@hotmail.com; ⁵ ESALQ, rafael.falcao.silva@usp.br; ⁶ ESALQ, jdsantos@gmail.com

Eixo temático: Terra, Território e Ancestralidade e Justiça Ambiental.

Resumo: A região do Extremo Sul da Bahia é bastante diversificada quanto ao setor agrícola, abrangendo tanto assentamentos rurais como fazendas produtoras de café conilon, que durante os meses de maio a agosto necessitam de ampla admissão de mão-de-obra para o trabalho de colheita. Os acampamentos da reforma agrária enfrentam uma série de dificuldades relacionadas à disputa de terras, incertezas quanto à sua permanência e aos entraves para dar início à produção nos lotes. Assim, o trabalho de colheita do café na região se mostra como uma opção de atividade agrícola sazonal para a complementação da renda destas famílias. Entretanto, deixam de trabalhar nos seus lotes e de participarem de atividades coletivas, impactando diretamente na organização social da produção agrícola. Assim, buscou-se avaliar o trabalho de colheita de café em pré-assentamento localizado em Santa Cruz Cabralia/BA, sob uma ótica externa e dos próprios assentados.

Palavras-chave: Reforma agrária; trabalhadores rurais; conilon; soberania.

Keywords: Land reform; rural workers; conilon; sovereignty.

Introdução

No Brasil, o café conilon (*Coffea canephora*) é cultivado em grande maioria, nas regiões de baixa altitude no estado do Espírito Santo, em Rondônia, vale do Rio Doce em Minas Gerais e no Extremo Sul da Bahia (MATIELLO; ALMEIDA, 2004). A implantação do café conilon na Bahia ocorreu em regiões cacauceiras mais próximas ao litoral, onde há abundante regime pluviométrico, fator que pode ocasionar uma colheita de frutos em distintos estádios de maturação (FONSECA; FERRÃO; FERRÃO, 2002).

Essa espécie possui a característica de reter os frutos com maior intensidade do que nos cafés do tipo arábica, determinando que a colheita seja realizada em duas etapas: derriça ou retirada do café da planta e posteriormente transporte do café (ALVES; COSTA; SANTOS, 2015). A derriça pode ser realizada em pano ou peneira estendida no chão, ou por meio da poda dos ramos plagiotrópicos, que caem sobre a lona ou no chão, para serem coletados manual ou mecanicamente (FERRÃO et al., 2017). Essa última, apesar de aumentar o rendimento operacional da colheita,



ainda é considerada semimecanizada, pois não se exclui a necessidade de mão-de-obra trabalhando junto às máquinas (SOUZA et al., 2018).

Segundo Andrade Júnior et. al. (2018), grande parte da derrifa do café no estado da Bahia, é feita manualmente e dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2017), mostram que a produtividade média de café conilon no estado, entre os anos de 2008 e 2017 foi de 30 sacas/hectare. Considerando-se a produtividade e a prática de colheita manual e semimecanizada como supracitado, faz-se necessário que os produtores de café ampliem sua mão-de-obra durante a época de colheita, que no Extremo Sul da Bahia se estende de maio a agosto.

Em particular o Litoral Sul da Bahia, destaca-se pela diversidade de movimentos sociais de luta pela terra e a concentração espacial de assentamentos rurais no campo (FREITAS, 2017). Devido às diversas dificuldades encontradas para iniciarem a produção e se estabelecerem como um assentamento de Reforma Agrária, muitos assentados buscam uma renda complementar por meio do trabalho de colheita do café nas fazendas produtoras próximas aos assentamentos rurais.

Apesar do trabalho contribuir na renda dessas famílias anualmente, durante a colheita do café os assentamentos são esvaziados, já que os assentados se encontram, durante grande parte e períodos dos dias, nas lavouras de café, fazendo com que as atividades nos lotes e outras ações coletivas sejam paralisadas. Durante esse período, as famílias poderiam empregar suas forças de trabalho nas suas atividades agrícolas evoluindo para alcançar sua permanência no campo e soberania alimentar por meio da produção agrícola nos lotes.

Então, considerando este fenômeno econômico-agrário, diretamente relacionado ao desenvolvimento rural aplicado à reforma agrária, este estudo tem como objetivo verificar a influência das fazendas produtoras de café no Pré-assentamento Maravilha II, destacando-se alguns pontos positivos e negativos ocasionados pela atividade de colheita de café na dinâmica da comunidade. Ressalta-se que este trabalho tem caráter exploratório e introdutório ao fenômeno e, desta maneira, não discute aprofundar-se nesse primeiro momento da pesquisa em questões acerca do direito trabalhista e justiça no trabalho, como aquelas tangentes a jornada de trabalho e processos de admissão dos assentados.

Metodologia

O pré-assentamento Maravilha II está localizado no município de Santa Cruz Cabrália/Bahia e trata-se de uma área na qual se verifica a ida dos seus agricultores para as fazendas produtoras de café durante a época de colheita, ocasionando na paralisação dos trabalhos nos lotes e ações coletivas. Essa comunidade tem ainda a característica de ser um pré-assentamento, ou seja, ainda não é uma área regularizada como assentamento de reforma agrária, o que implica em incertezas quanto à permanência das famílias na terra. Isso se soma às dificuldades de



obtenção de crédito pelo agricultor, ocasionando na diminuição da capacidade de investimentos em infraestruturas pessoais e implantação dos sistemas de produção. Assim, pressiona-se os agricultores a buscarem por formas alternativas de financiarem seus projetos agrícolas, como no caso da colheita do café.

Para o levantamento do tempo dispendido e retorno financeiro para as famílias que optam pela atividade, bem como as consequências disso dentro do pré-assentamento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Segundo Boni e Quaresma (2005), esse tipo de entrevista é composto por perguntas abertas e fechadas, podendo ser complementadas para melhor entendimento do entrevistado. Foram entrevistadas 11 pessoas e as perguntas efetuadas foram as seguintes: 1) qual o tempo de viagem até a fazenda de café?; 2) Qual o meio de transporte utilizado?; 3) Participa alguém da família no trabalho?; 4) Quantas horas por dia você colhe café?; 5) Quanto tempo dura a colheita de café?; 6) Quantas sacas você colhe por dia?; 7) Quanto é pago pela saca colhida?; 8) Não fosse a colheita de café, onde estaria trabalhando?

Resultados e Discussão

Os resultados da entrevista são possíveis de serem visualizados na tabela e figuras a seguir.

Questões	Entrevistados											Média
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
Tempo de viagem até a fazenda de café (em minutos)	40	10	10	30	40	15	25	5	10	10	10	18,6
Tempo de colheita diária de café (em horas)	9	8	9	12,5	12	11,5	11	12	7	8	13	10,3
Período de colheita por safra (em dias)	30	60	60	60	90	45	70	30	30	60	90	57
Quantidade de sacas colhidas por dia	5	12	13	9	11	8	12	9	10	12	8,5	10,0
Valor recebido pela saca colhida (em reais)	8,00	9,00	9,00	9,00	10,00	9,00	8,00	10,00	9,00	9,00	8,00	8,9

Tabela 1. Respostas das questões 1, 4, 5, 6 e 7; e média dos resultados.

É possível verificar na Tabela 1 que as fazendas onde os agricultores trabalham são próximas ao assentamento, com uma média de tempo de viagem de 18,6 minutos. Entretanto, utilizam como meio de transporte veículos pessoais, sendo a motocicleta o principal veículo mencionado por eles, conforme se verifica na Figura 1. Em um dos casos o trabalhador vai até a fazenda de café caminhando.

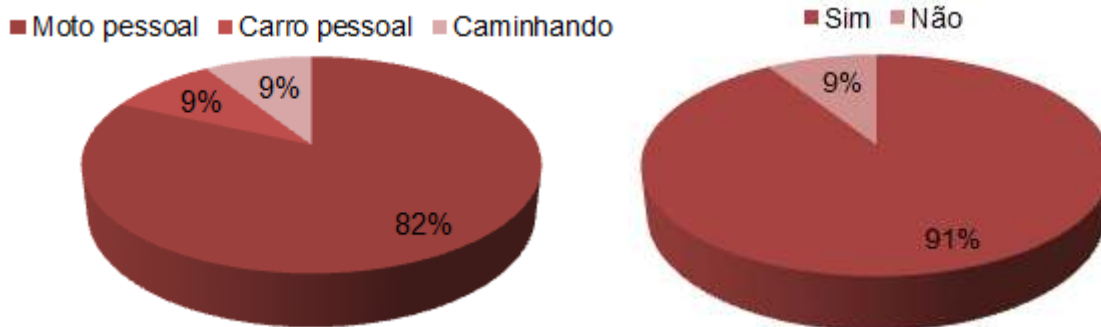


Figura 1 e 2. Principal meio de locomoção até a fazenda de café (esquerda) e participação da família na colheita (direita).

Ainda na Tabela 1, observa-se que o tempo médio de trabalho de colheita é de 10,3 horas diárias, e se prolonga durante um período de colheita de 57 dias em média o que implica em uma diminuição da escala de trabalhos coletivos como, por exemplo, produção de mudas no viveiro, roças coletivas, oficinas técnicas, manutenção da escola, igreja e outras estruturas comuns do pré-assentamento.

Além disso, foi relatado que trabalham geralmente quatro dias por semana na colheita. É possível estimar a renda mensal aproximada multiplicando-se a quantidade média de sacas colhidas por pessoa por dia, o valor médio pago pela saca e os quatro dias trabalhados por semana (17 dias trabalhados por mês), sem adicionar a renda adquirida pelos familiares que trabalham conjuntamente em 91% dos casos (Figura 2). Assim: Renda mensal de R\$1513,00 = 10 sacas/pessoa/dia x R\$8,90/saca x 17 dias trabalhos/mês.

Na última questão, 100% dos entrevistados disseram que estariam trabalhando em seus lotes se não houvesse a colheita de café. Alguns complementaram com informações adicionais expressando que o valor arrecadado é investido na sua produção agrícola, na qual um deles afirmou: “Um dia vou colher café no meu lote”.

Conclusões

O trabalho de colheita de café ocorre anualmente e faz com que muitas atividades pessoais e coletivas no assentamento fiquem prejudicadas devido à ausência dos agricultores nos lotes por um período de, em média 57 dias em que, na maioria dos casos, os familiares participam do trabalho conjuntamente.

Ao mesmo tempo, é uma solução temporária para a complementação da renda dessas famílias visto as dificuldades encontradas para alavancar a produção no lote. Além disso, todos os entrevistados evidenciaram que o investimento da renda arrecadada que no caso chega a R\$1513,00 mensais, é destinado ao fomento de sua produção, pois buscam, mesmo que gradativamente, a futura colheita de café e outros produtos em seu próprio lote.



Agradecimentos

Agradeço às famílias do pré-assentamento Maravilha II, que se dedicam a sua produção e lutam para se estabelecerem no campo. Ao Projeto Assentamentos Agroecológicos, conquistado pelos movimentos sociais de luta pela terra, por meio do qual foi possível desenvolver o referente estudo.

Referências bibliográficas

ALVES, E. A.; COSTA, J. N. M.; SANTOS, J. C. F. Procedimentos de colheita do café. In: MARCOLAN, A. L.; ESPINDULA, M. C. (Ed.). **Café na Amazônia**. Rondônia: Embrapa, 2015. Cap. 15. p. 1-14.

ANDRADE JUNIOR, S. de. et al. **Estratégias de mecanização da colheita de cafeeiro conilon**. In: Congresso Brasileiro de Pesquisas Cafeeiras, 44., 2018, Franca, SP. Nosso café, melhorado desde o pé: anais... Brasília, DF: Embrapa Café, 2018.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.68-80, jan./jul. 2005.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **A Cultura do Café: análises dos custos de produção e da rentabilidade nos anos-safras 2008 a 2017**. Brasília: Conab, 2017. 54 p. (Compêndios de Estudos Conab, v.7.). ISSN 2448-3710. Organizador: Aroldo Antonio de Oliveira Neto.

FERRÃO, R. G. et al. **Café Conilon**. 2. ed. Vitória: Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural, 2017. 784 p.

FONSECA, A. F. A. da; FERRÃO, M. A. G.; FERRÃO, R. G. **A cultura do café robusta**. In: SIMPÓSIO DE PESQUISAS DOS CAFÉS DO BRASIL, 1., 2000, Poços de Caldas. Palestras do I Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil, Brasília: Embrapa Café, 2002. p.119-145

FREITAS, H. I. de. **Luta por terra e território no litoral sul da bahia: movimentos sociais, ações políticas e políticas públicas**. In: SIMPÓSIO BAIANO DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2., 2017, Salvador. Proceedings. Salvador: IFBA, 2017. p. 1 - 11.

MATIELLO, J. B.; ALMEIDA, S. R. de. **Cultivo do café robusta-conilon em regiões frias**: Fundação Procafé. 2004. Disponível em: <<http://fundacaoprocafe.com.br/downloads/Folha011Robusta.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia

Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



SOUZA, G. S. de et al. **Avanços na mecanização do cafeeiro conilon**. Incaper em Revista, Vitória, v. 9, p.31-41, jan/dez 2018.